

A DECOLONIALIDADE DA COMUNICAÇÃO E A QUESTÃO DA TÉCNICA ¹

THE COLONIALITY OF COMMUNICATION AND THE QUESTION CONCERNING TECHNOLOGY.

Carlos Eduardo Souza Aguiar ²

Resumo: O artigo trata das relações entre a epistemologia da Comunicação, o pensamento decolonial e a questão da técnica vista sob a ótica da não instrumentalidade. A partir de uma leitura da proposta de Comunicação decolonial empreendida pelo pesquisador boliviano Erick Torrico, a reflexão desdobra-se em três movimentos complementares: a reconstrução da colonialidade e o papel da comunicação em sua consolidação; um exame da interpretação da técnica na perspectiva da Comunicação decolonial; e por fim uma reflexão sobre a pertinência de pensar a decolonização da Comunicação por meio da ideia de tecnodiversidade tal qual formulada pelo filósofo chinês Yuk Hui. Os elementos que emergem dessa reflexão sugerem que o empreendimento de decolonização da epistemologia da Comunicação não necessariamente deva passar pela rejeição da tecnologia, interpretada de modo justo como instrumento da colonialidade do poder, mas sim por uma decolonização da própria tecnologia e acolhimento da tecnodiversidade.

Palavras-Chave: Decolonialidade. Epistemologia da Comunicação. Tecnologia

Abstract: The purpose of this article is to deal with the relations between the epistemology of communication, decolonial thinking and the question concerning technology seen from the perspective of non-instrumentality. Through the proposal of decolonial communication undertaken by the Bolivian researcher Erick Torrico, the reflection unfolds in three complementary movements: the reconstruction of coloniality and the role of communication in its consolidation; an examination of the interpretation of the technology from the perspective of decolonial communication; and finally a reflection on the pertinence of thinking the decolonization of communication through the idea of technodiversity as proposed by the Chinese philosopher Yuk Hui. The elements that emerge from this reflection suggest that the enterprise of decolonization of the epistemology of communication should not necessarily go through the rejection of technology, interpreted fairly as an instrument of the coloniality of power, but must also go through a decolonization of technology itself and acceptance of technodiversity.

Keywords: Decoloniality. Epistemology of communication. Technology

1. Introdução

O giro decolonial, esse movimento de resistência à lógica da modernidade/colonialidade, tal como cunhado pelo filósofo porto-riquenho Nelson Maldonado-Torres (2011), torna-se um chamado de resistência cada vez mais urgente diante da complexidade do mundo atual, marcado pela barbárie (STENGERS, 2009), pelo brutalismo (MBEMBE, 2020) e pela iminência da queda do céu (KOPENAWA; ALBERT,

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação do 32º Encontro Anual da Compós. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 03 a 07 de julho de 2023.

² Professor contratado da Escola de Comunicações e Artes da USP. Professor da Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação. Doutor em Sociologia pela *Université Sorbonne Paris Cité*, cadu.s.aguiar@gmail.com

2015). Enquanto movimento de resistência a esse sistema mundo-moderno colonial provocador de crises multifacetadas, o giro decolonial abarca igualmente a dimensão epistemológica, alcançando, desse modo, o debate teórico da Comunicação. Nos cânones acadêmicos ocidentais, a comunicação foi delimitada primordialmente como um fenômeno mediado tecnologicamente que implica uma transmissão de mensagens (MARCONDES FILHO, 2013; SODRÉ, 2014). Ou seja, a comunicação deste modo concebida é vista como um produto da modernidade porque o seu eixo estruturante é a tecnologia. Se não podemos conceber a modernidade sem a colonialidade, a comunicação converte-se, assim, em um dos instrumentos mais contundentes da perpetuação da colonialidade do poder, na qual o emissor central, de posse dos modos de reprodução tecnológicos, dissemina a visão de mundo colonial a emissores periféricos.

Erick Torrico (2022, 2018, 2019), um dos acadêmicos mais engajados no esforço de decolonização da Comunicação, identifica a Epistemologia da Comunicação como uma arena fundamental para o empreendimento de desconstrução. O que ele chama de comunicação centrada, isto é, comunicação como o Ocidente e a teoria da Comunicação ocidental concebeu, é um dos elos mais fortes de perpetuação da colonialidade. Para o autor, decolonizar significa resgatar um entendimento de comunicação que é anterior ao tecnológico, isto é, que não funciona apenas como instrumento de disseminação da visão de mundo colonial/moderna/ocidental. Neste entendimento, destaca-se o aspecto dialógico e convivial da comunicação, na qual o protagonismo dos diferentes pontos de vista e cosmovisões é garantido. Trata-se, portanto, de um afastamento deliberado da dimensão tecnológico por identificar na tecnologia o elemento mais contundente da perpetuação da colonialidade.

O questionamento que trazemos é se não seria possível radicalizar ainda mais essa empreitada de decolonização da Comunicação também decolonizando a própria tecnologia. Deveríamos concordar com Martin Heidegger (2012, 2019) e aceitar que, ultrapassada a dimensão da técnica tradicional enquanto *teckné*, só nos resta a tecnologia moderna entendida como aquilo que convoca os entes do mundo no sentido do requerer? Neste artigo, partimos do pressuposto, como nos convida a pensar Yuk Hui (2017, 2020, 2018), de que se existem diferentes cosmovisões, existem também diferentes cosmotécnicas. Ou seja, não existe apenas a concepção de técnica que se resume ao instrumento da colonialidade. A complexidade e os perigos presentes na comunicação contemporânea, marcada pela

dataficação e algoritimização da existência (COULDRY; MEJIAS, 2019; LEMOS, 2021; SANTAELLA, 2022), tornam esses questionamentos ainda mais fundamentais para a epistemologia da Comunicação. Portanto, recuperar essas tecnicidades nos parece fundamental no esforço do giro decolonial.

O objetivo deste artigo é, portanto, refletir sobre a decolonialidade da Comunicação e sua epistemologia por meio da perspectiva da tecnologia. A partir de uma leitura da proposta de Comunicação decolonial empreendida por Erick Torrico, a reflexão desdobra-se em três movimentos complementares. Em primeiro lugar, busca-se destacar o papel desempenhado pela comunicação moderna e suas tecnologias na ascensão e perpetuação da colonialidade. Em segundo lugar, busca-se examinar qual interpretação da técnica está presente na perspectiva da Comunicação decolonial. Por fim, o artigo articula uma reflexão sobre a pertinência de pensar a decolonização da Comunicação por meio da ideia de tecnodiversidade, tal qual formulada pelo filósofo Yuk Hui. Os elementos que emergem dessa reflexão sugerem que o empreendimento de decolonização da epistemologia da Comunicação não necessariamente deva passar pela rejeição da tecnologia, vista exclusivamente como instrumento da colonialidade do poder, mas por uma decolonização da própria tecnologia e acolhimento da tecnodiversidade.

2. Colonialidade e o problema da comunicação

Mobilizar o conceito de colonialidade (QUIJANO, 1992) abre uma perspectiva fértil para a compreensão do problema da comunicação no processo de consolidação do sistema-mundo, que mais especificamente é um sistema mundo europeu/euro-norte-americano moderno/capitalista/colonial/patriarcal (GROSFOGUEL, 2008). Se o colonialismo faz alusão a um período histórico determinado e está atrelado a uma certa ideologia que legitima e justifica a dominação colonial, a colonialidade é um processo que vai além do período colonial e que indica a perpetuação das formações sociais decorrentes desse período, por meio, inequivocamente, da difusão de uma relação com o saber e o conhecimento pautada nos princípios de uma racionalidade europeia que condena e destrói outras formas de saberes. Trata-se de um conceito que chama atenção para o legado contínuo do colonialismo nas sociedades contemporâneas na forma de múltiplas discriminações que sobreviveram ao fim do colonialismo formal, integrando-se nas ordens sociais pós-coloniais e, especialmente, nas epistemologias.

A colonialidade refere-se, portanto, à própria interiorização da dominação colonial que perdura, ainda que as administrações coloniais propriamente ditas tenham acabado:

A colonialidade refere-se, antes, às relações de poder e às concepções de ser e saber que produzem um mundo diferenciado entre sujeitos legitimamente humanos e outros considerados não apenas como explorados ou dependentes, mas fundamentalmente como dispensáveis, sem valor, ou com detonações negativas ou exóticas nas diferentes ordens da vida social. (MALDONADO-TORRES, 2011, p. 685, tradução nossa).

A colonialidade é um fenômeno complexo que se refere a um padrão de poder baseado na naturalização das hierarquias territoriais, raciais, culturais e epistêmicas, possibilitando a perduração do eurocentrismo. Assim, a colonialidade se desvelou como um processo profundo e duradouro, sendo esse o verdadeiro lado obscuro da modernidade (MIGNOLO, 2017), sobretudo por conta da continuidade da reprodução de relações de dominação colonial: “O que sua globalidade implica é um piso básico de práticas sociais comuns para todo o mundo, e uma esfera intersubjetiva que existe e atua como esfera central de orientação valorativa do conjunto” (QUIJANO, 2005, p. 124). No limite, a colonialidade é uma atitude burguesa, ocidental, masculina e branca que consistiu, desde os primórdios da colonização, em uma imposição de um modelo único de comportamento e valores (VERGÈS, 2019).

O desenvolvimento dos meios modernos de comunicação de massa, que coincide com o fim do colonialismo e a ascensão da colonialidade, desempenha papel decisivo não só nessa interiorização da dominação colonial como no próprio entendimento do que é a comunicação. Nesse sentido, as mídias – como o cinema, o rádio e a televisão – e a decorrente cultura de massa, são verdadeiros instrumentos de disseminação dessa visão de mundo colonialista (DORFMAN; MATTELART, 1980), reproduzindo a lógica da divisão internacional do trabalho no campo da cultura de massa, em torno da imagem de um centro emissor e de uma periferia receptora.

No entanto, essa relação entre comunicação e colonialidade não se resume a esse aspecto instrumental dos meios massivos. Na visão de Erick Torrico (2019), a colonialidade contaminou a epistemologia da Comunicação, reduzindo o corpus passível de estudos aos fenômenos tecnologicamente mediados. Esse viés, segundo o autor, está presente desde os primórdios da teoria da Comunicação, com as pesquisas administrativas estadunidenses ou mesmo com a abordagem crítica europeia. Antagonismo aparente entre essas duas

abordagens e uma absoluta identidade em relação à sua subscrição ao sentido da modernidade e à própria concepção da comunicação, convertida em padrão canônico:

A concepção presente nele considera a comunicação como um instrumento através do qual um emissor ativo pode atingir seus objetivos de controle – e, portanto, de poder – sobre um, vários ou muitos receptores passivos ou meramente reativos, utilizando para isso, quase sempre, meios tecnológicos que canalizam e distribuem as mensagens (TORRICO, 2019, p. 94).

Para Torrico, a comunicação é reduzida a um recurso instrumental e necessariamente tecnológico. Trata-se, no limite, de um processo de transmissão de conteúdos informativos que cumpre certas funções de controle social por meio da busca de certos efeitos em receptores passivos que acabam sendo objetificados, mesmo que se reconheça que estes tenham algum tipo de discernimento. Como destacado por Muniz Sodré (2014), a comunicação moderna, isto é, midiaticizada, reduzida ao caráter transmissivo, acabou se sobressaindo ao sentido original de ação comum. Subjacente a esse esquema dominante do entendimento do que é a comunicação, descrita por Torrico como comunicação Ocidental, “está implícita a hierarquia colonial de pessoas e povos” (TORRICO, 2019, p. 95). Ou seja, o que está em jogo é uma aceitação tácita de que o emissor é o colonizador e o receptor é o colonizado e que, a partir dessa relação de imposição mecânica, se perpetua o colonialismo, suscitando a desumanização e a incomunicação.

É possível, ainda, explorar outro aspecto dessa relação entre Comunicação e colonialidade ao nos atentarmos à própria racionalidade que está impregnada nessas mediações tecnológicas da comunicação de massa, que é uma racionalidade ocidental/colonial. Max Weber (2006) já havia assinalado a centralidade do racionalismo na estruturação dos tempos modernos. Não qualquer tipo de racionalidade, mas aquela específica da técnica, uma racionalidade com vistas a fins. Na terminologia da Escola de Frankfurt, trata-se da razão instrumental, um tipo de racionalidade que se interessa apenas pelos meios. Os fins e os objetivos não são alvos de reflexão moral. Não importa qual a finalidade, que na modernidade é sobretudo o progresso ou crescimento econômico, a razão instrumental vai definir qual é o meio mais eficaz para atingir tais metas. É uma razão, portanto, que se ocupa apenas com os meios eficazes, sendo que as decisões tomadas seguem critérios racionais. Heidegger (2012, 2002) também assinalou característica próxima como própria da tecnologia moderna. Para o filósofo alemão, o impacto da tecnologia não está em

sua dimensão instrumental, mas em sua essência, que tem como marca a conversão de todos os entes do mundo em fonte de energia, em recurso disponível.

Por conta dessa racionalidade típica da modernidade, isto é, do eurocentrismo, a tecnologia moderna opera na lógica do extrativismo, não só de recursos naturais, mas igualmente humanos. O mundo se converte em depósito, em fundo, em estoque que esconde e apresenta possibilidades para a afirmação da vontade mediante a transformação. Ou seja, a tecnologia desvela o real em consonância ao projeto produtivista no qual tudo vira objeto da agressão:

Quando dentro da era da subjectividade, na qual se funda a essência da técnica, a consciência é contraposta a natureza enquanto ser, então esta natureza é apenas o ente enquanto objecto da objectualização técnica moderna, a qual agride indistintamente a consistência das coisas e dos homens (HEIDEGGER, 2002, p. 223).

Inserida na lógica do capitalismo, essa racionalidade se torna um apêndice a serviço exclusivo do desempenho econômico, da eficiência produtiva, da lucratividade e, no limite, da colonialidade. Assim, não somente o colonialismo é a expressão cabal da força extrativista da técnica moderna, mas sobretudo a própria colonialidade, afinal, como nos recorda Hui (2020, p.85), “a tecnologia moderna sincroniza histórias não ocidentais no eixo de tempo global da modernidade Ocidental”.

Assim, se a comunicação é tecnologicamente mediada, independe do conteúdo transmitido, difunde-se uma certa visão de mundo, que é eurocêntrica: “Hoje, é o próprio acontecimento da realização tecnológica, o seu acabamento histórico como ápice da racionalidade ocidental, pressionado pela energia da informação enquanto eficiente operadora da economia financeira, que revela a natureza organizativa da comunicação” (SODRÉ, 2014, p. 13). Essa perspectiva foi, em grande medida, antecipado por Adorno e Horkheimer (2006) em suas reflexões sobre a chamada Indústria Cultural. A cultura que sempre foi esse lugar de resistência e protesto contra as opressões e exclusões, passa, com a Indústria Cultural, a ser o lugar do conformismo e de manutenção da realidade. Não é exatamente o conteúdo desses meios que é manipulador ou alienante, mas a própria racionalidade técnica imbuída em toda essa produção, que ratifica a lógica da dominação. Por isso, a ideologia, que é a própria colonialidade, não é apenas transmitida pelos meios de comunicação, mas está na própria engrenagem tecnológica e na sua práxis. O chamado receptor não escolhe ou deseja nada. O seu gosto já está programado pelo polo da produção, um gosto que é acima de tudo colonial e

que intensifica a assimilação cultural. Daí o papel decisivo dos meios de comunicação no controle do imaginário dos dominados.

O advento das tecnologias digitais prolonga e aprofunda esse tipo de racionalidade que vigora desde o fim do colonialismo, sobretudo com a algoritmização e dataficação da sociedade. Os dispositivos e arquiteturas digitais e em rede permeiam todas as esferas da vida social, de sorte que é a própria experiência humana a matéria-prima desse capitalismo de vigilância (ZUBOFF, 2021). Essas novas tecnologias operam na lógica do extrativismo – dos dados, da atenção, da força de trabalho – configurando um verdadeiro colonialismo de dados (COULDRY; MEJIAS, 2019). Assim, a dataficação do mundo exige, além de recursos naturais e atividade laboral, a própria vida humana, que é exposta ao monitoramento e vigilância como insumo direto para a produção do capitalismo digital baseado em dados, que é, por sua vez, marcado por desigualdades globais estruturantes (SILVEIRA, 2021). O processo é sempre o mesmo, extrair e despossuir recursos para o bem de poucos, seja no colonialismo histórico, seja nas diferentes fases da colonialidade. A essência da técnica moderna perpassa todos esses momentos. Assim, essa verdadeira racionalidade algorítmica (BRUNO, 2022), cuja centralidade é inegável na contemporaneidade, é o dispositivo mais elaborado para a manutenção da colonialidade, e permeia os aspectos mais contemporâneos da comunicação.

3. O lugar da técnica na perspectiva da Comunicação decolonial

Considerando que não há modernidade sem colonialidade e que não há colonialidade sem modernidade, é fundamental pontuar que essa articulação planetária de dominação ocidental não teria sobrevivido ao fim do colonialismo sem a onipresença das tecnologias. Na consumação da modernidade, a tecnologia desempenhou um papel essencial, não por conta da sua onipresença enquanto instrumento da dominação, mas, justamente, por conta dessa racionalidade instrumental capaz de sincronizar histórias não ocidentais. Como sublinhado por Heidegger (2010, p.152), “A técnica é o triunfo mais elevado e mais abrangente da metafísica ocidental, ela é a própria metafísica em sua propagação através do ente na totalidade”. Enraizados na metafísica ocidental, tecnologia, modernidade e colonialidade são fenômenos inseparáveis, de modo que “[...] devemos reconhecer que esses vieses ontológicos e epistemológicos só sobrevivem e triunfam porque são concretizados (talvez até pudéssemos dizer embutidos) nas tecnologias” (HUI, 2020, p. 19). É a própria planetarização da

tecnologia que provoca a perda generalizada de sentido e a emergência de uma época sem questionamento, simplesmente porque ao impor esse entorpecimento, dificulta o exercício do sentir para além do âmbito da racionalidade ocidental/colonial. Eis porque a colonialidade é, portanto, uma tecnocolonialidade.

Se o mundo atual precisa de uma segunda descolonização, ou seja, de uma decolonialidade, essa passa, necessariamente, pela reflexão sobre a tecnologia. Assim, o questionamento que se vislumbra no interior desse imperativo é se o esforço de decolonização da comunicação deve ocorrer se afastando da tecnologia ou, antes, buscando novas alianças.

A esse respeito, a proposta apresentada por Erick Torrico de uma Comunicação decolonial parece apontar para o afastamento da dimensão tecnológica, justamente por identificar a tecnologia como uma dimensão própria da colonialidade, capaz de conquistar tanto o mundo externo, ao adquirir domínio sobre a natureza, quanto o mundo da interioridade humana, ao dominar a atenção pelas novas tecnologias comunicativas. Além do mais, as tecnologias sustentam e mantêm a hierarquia e o unilateralismo, mesmo diante das promessas presentes no imaginário das revoluções tecnológicas dos últimos anos:

Pouco mais de um quarto de século depois do início da última vaga de implementação tecnológica, é evidente que se produziram múltiplas mudanças ao nível da transterritorialidade, imediatismo, fidelidade e interconectividade das comunicações, mas também deve ficar claro que tudo isso se inseriu em velhas estruturas nacionais de desigualdade socioeconômica – especialmente no Sul do mundo –, em um quadro de relações internacionais desiguais e, o que é mais grave, em uma lógica de desenvolvimento e acumulação sem fim que não simpatiza com o finitude do tempo planeta. (TORRICO, 2022, p. 99, tradução nossa)

Assim, a instrumentalidade marca a história da comunicação tecnologicamente mediada, não só das mídias de massa tradicionais, mas igualmente quando há a aparência de pluralidade, como no caso das comunicações digitais e em rede: “os mesmos que trouxeram consigo um discurso redentor de transparência, participação e igualdade que, ao final, desempenhou um papel primordialmente neutralizador” (TORRICO, 2022, p. 87, tradução nossa).

Dado esse contexto de suspeição da tecnologia, destaca-se que, em primeiro lugar, há a rejeição do que o autor chama de comunicação centrada, que é o entendimento canônico do que é, ou deveria ser, a comunicação no Ocidente, uma visão que vislumbra um processo

comunicativo reduzido a uma abordagem mecânica que incidiria uma força persuasiva no âmbito da recepção:

Comunicar, em outras palavras, torna-se transmitir, ordenar, instruir ou direcionar, fazendo com que o seu outro sentido possível, relacionado à criação de tecido social e à construção de comunidade e consenso, dê lugar à reprodução de hierarquias e desigualdades entre emissores e receptores, seja na realidade local ou nacional, bem como nas relações entre países. Corporificada dessa forma, espera-se apenas que a comunicação, com seu possível conhecimento, a Comunicação, com suas implicações epistemológicas, teóricas e metodológicas modernizadoras, reproduza essa desfiguração utilitarista comandada, no fundo, por uma polaridade estrutural finalista: a preservação ou eventual ajuste da ordem social instaurada pelo capital (TORRICO, 2019, p. 96).

Nessa proposta decolonial da Comunicação, não se trata exatamente de encontrar brechas no interior do sistema econômico/comunicacional, mas de desestruturar a própria lógica colonial por meio da noção de subalternidade. Parte-se do pressuposto de que a condição colonial implica a negação de humanidade dos povos não europeus, implementando uma situação de in-comunicação. Assim, a noção de subalternidade permite pensar de modo crítico e orientado para a libertação ao impelir o pensamento na intersecção de submissões, tais como a de raça, de gênero, de classe etc. Daí porque a luta decolonial na Comunicação é travada no campo epistemológico, afinal, “é aí que devem ser removidas as restrições que tornam a comunicação um puro instrumento de poder, convertendo seu estudo, a Comunicação, em uma disciplina aplicada e útil apenas para tentar garantir a eficácia dos emissores corporativos” (TORRICO, 2019, p. 100,101). O afastamento da dimensão tecnológica se dá porque, na perspectiva decolonial, a comunicação é, antes de tudo, um processo dialógico e convivial:

Na concepção dos pensadores críticos da América Latina, a comunicação é um processo constitutivo do humano e do social, preexiste aos meios que a transmitem ou amplificam e supõe a construção de um com-saber (um “conhecimento com o outro”) em uma relação recíproca de natureza dialógica e convivial que deve ser realizada dentro de uma estrutura de direitos (TORRICO, 2019, p. 101).

A proposta de Torrico é de uma comunicação ex-cêntrica, não no sentido coloquial da palavra, como esquisita ou estranha, mas no sentido de afastamento do centrado. A própria tradição latino-americana sempre imprimiu essa marca em sua epistemologia, preocupando-se mais com processos e experiências da cultura, do que com as mídias ou indústria (RINCÓN, 2018). Por isso, essa atitude de afastamento do centrado deve ser prosseguida e aprofundada, pois é fundamental para a humanização da comunicação e afirmação libertadora da alteridade ocultada pela dominação: “A comunicação, como processo humano e social básico e como prática cotidiana, deve resgatar seu sentido

libertador em todas as suas manifestações. Sua compreensão decolonizada é, evidentemente, condição necessária para isso” (TORRICO, 2022, p. 81, tradução nossa).

A Comunicação decolonial é caracterizada, ainda segundo Torrico, pelo que ele define como tripla alter/n/atividade. Ou seja, pelo direito de uma alteridade alternativa epistemológico-teórica (alternativa); pelo reconhecimento do caráter local-nativo historicizado dessa alteridade (alter/nativa); e, finalmente, pela proposta de alteração do *status quo* (alter/ativa). Por meio desse tripé, espera-se resgatar a dimensão dialógica, democratizante e humanizadora da comunicação, que sempre existiu e resiste, apesar da epistemologia da Comunicação Ocidental a resumir o fenômeno àqueles atrelados a dispositivos mecânicos: “Como perspectiva transformadora, a descolonização da Comunicação supõe um novo caminho utópico na luta contra a segregação epistêmica e cujo propósito é restabelecer a comunicação que humaniza” (TORRICO, 2022, p. 153, tradução nossa).

Dentro dessa visão decolonial da Comunicação, o elemento tecnológico é interpretado mais como um obstáculo do que um facilitador desse processo de resgate, justamente porque o próprio desenvolvimento tecno-científico está cimentada na imposição e nas assimetrias.

4. Tecnodiversidade e a decolonização da Comunicação

Repensar a Comunicação na direção de uma proposta decolonial passa, necessariamente, pela reflexão da técnica. O elemento que faz da comunicação moderna um instrumento da colonialidade é a dimensão tecnológica. Das primeiras mídias de massa até os dispositivos digitais, é a tecnologia moderna que reduz os agentes da comunicação em elementos funcionais, prontos para serem expropriados, sobretudo os chamados receptores periféricos. Assim, é natural que qualquer proposta decolonial da Comunicação, como a proposta de Torrico, implique uma suspeição da tecnologia e uma busca por um processo comunicativo que envolva o diálogo, a presencialidade, a convivialidade, e não a mera disseminação de mensagens.

Porém, defende-se que é fundamental nesse esforço decolonial desconstruir igualmente a falácia da universalidade da técnica em sua modalidade moderna e, por consequência, desconstruir o próprio pressuposto de que a técnica necessariamente implica um fluxo unilateral de mensagem de um emissor institucional a seus públicos. Reabrir a questão da técnica atualmente passa, antes, pela rejeição da singularidade da tecnologia moderna que,

como bem destacado por Mbembe (2020), destrói e devora tudo ao seu redor em um movimento sem repouso. Assim, qualquer construção ética para fazer frente a esse contexto calamitoso deve contemplar uma reconstrução da nossa relação com a técnica, não no sentido da mera rejeição, ou seja, sem cair no reducionismo segundo o qual a única saída é abandonar ou minar o desenvolvimento tecnológico. Trata-se, antes, de uma transformação e, como lembra Hui (2020, p. 132), “transformar não implica negar ou eliminar, mas dar novas formas e novas posições”. No limite, trata-se de decolonizar a tecnologia na medida em que a racionalidade técnica é o verdadeiro instrumento da colonialidade do poder:

A maneira como vemos a tecnologia enquanto força exclusivamente produtiva e mecanismo capitalista voltado ao aumento da mais-valia nos impede de enxergar seu potencial decolonizador e de perceber a necessidade do desenvolvimento e da manutenção da tecnodiversidade (HUI, 2020, p. 18)

Nesse caminho de decolonização da tecnologia, é fundamental se abrir para outras cosmovisões e cosmotécnicas, a fim de relativizar o eurocentrismo tecnológico. O conceito de cosmotécnica designa a pluralidade de relações culturais e mitológicas com a técnica no seio dos diferentes sistemas antropológicos. A crítica de fundo presente na obra de Hui é que essa ideia monolítica de tecnologia é uma concepção insuficiente, pois a tecnologia não é um absoluto, um fenômeno único e universal. Assim, é mais realista trabalhar com o conceito de multiplicidade tecnológica do que com o de singularidade. Quem molda a tecnologia como algo universal assume a postura de dominação, forjando-a como um instrumento de submissão a uma determinada cosmovisão. Para compreender a tecnologia para além desse universal, Hui evoca a busca por novas cosmologias, colocando a técnica em seu devido lugar, ou seja, como um dos elementos da existência.

Se vivemos sob a tirania daquilo que Hui chama de monotecnologismo, esse movimento de abertura é essencial para “ [...] desenvolver novas sensibilidades que nos permitem reapropriar da tecnologia moderna, não apenas para reaproveitá-la, mas também para inventar cosmotécnicas de nossa época” (HUI, 2017, p. 19, tradução nossa). Trata-se de construir, por meio da decolonização da tecnologia, uma ética que evite a permanência definitiva nessa forma de desvelamento da tecnologia moderna como provocação, marca da episteme ocidental moderna e da colonialidade: “O conceito de tecnologia precisa ser purgado de seus vieses masculinistas, brancos, ocidentais e pró-capitalista” (PETERS, 2015, p. 29, tradução nossa).

Assim, o desafio da questão da técnica atualmente não é enaltecer ou criticar o desenvolvimento tecnológico, aderindo aos antagônicos imaginários tecnológicos contemporâneos, que ora pregam a redenção, ora o apocalipse (AGUIAR, 2022). Trata-se, antes, de refletir sobre a técnica e sua essência, de modo que “a tecnofilia e a tecnofobia se tornam sintomas da cultura monotecnológica” (HUI, 2020, p. 210). Com a cosmotécnica, não há impasse entre recusar ou aceitar a técnica pois se observa a técnica por meio de outras cosmologias, no interior de um pensamento fronteiro (MIGNOLO, 2003) que, apesar de não ignorar o pensamento moderno, não está a ele subjugado. Logo, a proposta das cosmotécnicas é um modo de ultrapassar a modernidade sem rejeitar suas contribuições, levando a sério as cosmologias e epistemologias do Sul, inserindo-as, igualmente, no esforço da transmodernidade proposta pelo filósofo da libertação Enrique Dussel (2001). Se a modernidade deve ser enfrentada por meio de múltiplas respostas críticas que partem de diferentes lugares epistêmicos que estão para além do eixo do Norte Global, é possível considerar fundamental agregar distintas tecnicidades e pensamentos técnicos neste enfrentamento. Nesse sentido, a própria ideia de gambiarra (BRUNO, 2017) pode ser lida como uma opção decolonial, na medida em que as próprias populações subalternizadas buscam – no limiar da sobrevivência e na criação do novo – frestas, estratégias e insurgências (MESSIAS, 2020).

É fundamental ampliar e pluralizar a categoria das técnicas pela inclusão de desvios e invenções, tanto antigas como recentes. A esse respeito, Déborah Danowski e Eduardo Viveiros de Castro enfatizam que é preciso considerar que a interpretação moderna da técnica não é exclusiva e nem absoluta, evocando a guerra anunciada por Bruno Latour (2020) entre humanos (o modo moderno de conceber a nossa espécie) e os terranos (os não modernos que vivem outra relação com a Terra):

Pois existem técnicas terranas como existem técnicas humanas, distinção que não se reduz a simples questão do comprimento de suas redes. A guerra entre os Terranos e os Humanos será travada essencialmente nesse plano, especialmente quando incluimos, na categoria ampliada e pluralizada das técnicas, toda uma gama de “desvios” sociotécnicos e de invenções institucionais muito antigas ou ao contrário muito recentes [...] Toda inovação técnica crucial para a “resiliência” da espécie não precisa necessariamente passar pelos canais corporativos da Big Science ou pelas muito longas redes de humanos e não humanos mobilizados pelo desenvolvimento das “tecnologias de ponta” (CASTRO; DANOWSKI, 2014, p. 312–313, tradução nossa).

Nesse sentido, a superação da visão monolítica de tecnologia passa, segundo Hui, pela reinterpretação dessa questão com base em uma perspectiva cosmopolítica. O uso desse termo por Hui é inspirado nas contribuições de Bruno Latour e Isabelle Stengers, autores que se afastam da versão kantiana de “cosmopolitismo”, ou seja, a expressão de uma razão humana universal que poderia levar à “paz perpétua”. Para Hui, se Stengers (2009) fala em cosmopolítica – movimento de politização da ciência como forma de fazer face à barbárie, incluindo outras cosmovisões – poderíamos também pensar em uma espécie de politização da tecnologia por meio dessa ideia de cosmotécnica, entendida como a unificação entre a ordem cósmica e a moral por meio de atividades técnicas.

A cosmopolítica é, no limite, um convite para pensar a política para além da lógica ocidental, levando em consideração igualmente os não humanos, como os animais, as plantas, os minerais, os oceanos etc. Stengers é contundente ao afirmar que diante da lógica da barbárie, é fundamental criações e experimentações para além daquilo que é dado pelo sistema capitalista global:

Se estamos em suspenso, alguns já estão engajados em experimentações que buscam criar, a partir de agora, a possibilidade de um futuro que não seja bárbaro – aqueles e aquelas que optaram por desertar, por fugir dessa “guerra suja” econômica, mas que, “fugindo, procuram uma arma”, como dizia Gilles Deleuze. E, aqui, “procurar” quer dizer, antes de tudo, criar, criar uma vida “depois do crescimento econômico”, uma vida que explora conexões com novas potências de agir, sentir, imaginar e pensar. (STENGERS, 2015, p. 11)

O que a perspectiva cosmopolítica propõe, assim, além de alianças estratégicas, inclusive com a tecnologia, é aceitar a pluralidade e encarar que nosso mundo é feito de diferentes cosmos. Logo, dentro desses diferentes cosmos, existem diferentes concepções de técnicas e distintas tecnicidades:

[...] todas as culturas devem refletir sobre a questão da cosmotécnica a fim de que surja uma nova cosmopolítica, uma vez que, para superarmos a modernidade sem recair em guerras e no fascismo, parece-me necessário nos reapropriar da tecnologia moderna através da estrutura renovada de uma cosmotécnica que consista em diferentes epistemologias e epistemes. (HUI, 2020, p. 45)

Levar em conta essas outras cosmotécnicas facilita a emergência de uma ética tecnológica que se afaste da sincronização trazida pela tecnologia moderna, em que vários tempos históricos convergem em um único eixo de tempo abrangente. Essa busca envolve reabrir a questão da tecnologia por meio da afirmação de culturas não modernas e da invenção de uma cosmotécnica do nosso tempo. Pensar em uma outra comunicação significa

o abandono da pretensa universalidade e homogeneidade da tecnologia na versão moderna e sua essência “onto-antropológica”, e examinar a questão com base em outras cosmologias. Nessa visão mais ampla, a afirmação das culturas não modernas e das localidades é fundamental para inventar cosmotécnicas para nossa época. Esse é o eixo central da proposta da tecnodiversidade:

Podemos dizer que a tecnodiversidade é, em essência, uma questão de localidade. Localidade não significa necessariamente etnocentrismo, nacionalismo ou fascismo, mas é aquilo que nos força a repensar o processo de modernização e de globalização e que nos permite refletir sobre a possibilidade de reposicionar as tecnologias modernas. A localidade também é crucial para que possamos conceber uma multiplicidade de cosmotécnicas. (HUI, 2020, p. 123)

A potência da técnica vai muito além da mera funcionalidade, torna-se uma estratégia conceitual para superar a visão colonial da comunicação. Por meio da cosmotécnica, convocam-se as múltiplas localidades para que essas inventem seus próprios futuros tecnológicos, não só para além do eurocentrismo (HUI, 2018), como também para além do masculinismo (HARAWAY, 1991). Por meio dessa decolonização da tecnologia e da afirmação da tecnodiversidade é possível lançar uma discussão ética sobre alternativas à atual configuração da cultura digital e se questionar sobre futuros possíveis. Não se trata de um refúgio em particularismos, mas de instaurar um verdadeiro universalismo (não o particularismo eurocêntrico travestido de universal) capaz de apontar para futuros mais sustentáveis e desacelerados, nos quais tanto as novas redes sociais sejam vetores da colaboração global, quanto os próprios objetos eletrônicos possam ser fabricados com base na reciclagem, sob condições trabalhistas justas, combinados com softwares e hardwares construídos com códigos abertos e livres.

4. Considerações finais

O que a sensibilidade teórica de Yuk Hui aporta aos estudos decoloniais, em particular na interface com a epistemologia da Comunicação, é uma postura que não é nem de hostilidade, nem de entusiasmo e nem de neutralidade em relação à tecnologia. Para o autor, tecnofobia e tecnofilia são sintomas da cultura monotecnológica ocidental e, por consequência, da colonialidade. Para os povos, populações e culturas subalternizadas não há opção entre rejeitar ou celebrar as tecnologias, especialmente quando submetidas a condições de precariedade e vulnerabilidade. Em tais condições, até por uma questão de sobrevivência, trata-se de buscar frestas e inesperadas alianças com objetos e sistemas técnicos da

modernidade. A condição humana sempre significou habitar o mundo tecnicamente (LEROI-GOURHAN, 1945), de modo que a tecnicidade não é algo estranho às diferentes cosmovisões. Assim, apropriações e reinterpretações das tecnologias, sobretudo aquelas que envolvem a comunicação na contemporaneidade, estão em coerência com o pensamento e o ativismo fronteiriço.

Essa aceitação das tecnicidades múltiplas das culturas é absolutamente salutar para uma proposta decolonial da Comunicação e que busca uma alternativa à configuração atual da cultura digital. As diferentes apropriações críticas da tecnologia moderna em diferentes contextos do globo, como na África, na América Latina, entre as populações originárias, nas periferias das grandes metrópoles, certamente dão conta de movimentos de resistência à barbárie, como os diferentes exemplos de inteligência artificial alternativa e decolonial testemunham (ALI, 2016; CRUZ, 2021; MOHAMED; PNG; ISAAC, 2020; MURPHY; LARGACHA-MARTÍNEZ, 2022). A perspectiva decolonial reconhece a possibilidade de outros arranjos que podem ser alcançados por meio de subversões inspiradas em abordagens não ocidentais.

Assim, o que essas incontáveis experiências da realidade empírica revelam é, primeiramente, o caráter paradoxal das tecnologias que, apesar de operar na lógica da extração e da devastação, não deixam de ampliar narrativas e articular redes de identificação e solidariedade (SILVA; AGUIAR, 2020). Se, para Sodré, o fenômeno da comunicação está ligado ao princípio organizativo do comum, essas inúmeras experiências de apropriação das tecnologias podem ser lidas como uma opção decolonial da Comunicação, afinal, “no necessário rearranjo de pessoas e coisas, a comunicação revela-se como principal forma organizativa” (SODRÉ, 2014, p. 17). As mesmas forças que criam a fragmentação podem se converter em vetores de reorganização. Tecendo afinidades e marcando distâncias, essas reapropriações tecnológicas forjam novos arranjos criativos, reorganizando, por meio da resistência, o comum. Logo, as tecnologias não necessariamente reduzem as relações ditas comunicativas a uma recepção passiva de conteúdos emitidos por emissores centrais que representam a colonialidade do poder. Antes, elas podem ser vetores da reconexão e da promoção da cultura do encontro, da convivialidade, do diálogo e da democratização das relações comunicativas.

A libertação da colonialidade não passa apenas pela nova ontologização da comunicação, entendida como fato humano social e fator, tal qual defende Torrico, mas igualmente se afastando do monotecnologismo e aceitando a tecnodiversidade como desenvolvido por Yuk Hui. Se a comunicação centrada, por meio dos mais recentes aparatos e sistemas tecnológicos, desconecta, separa e desterritorializa, o desafio da Comunicação decolonial é a reconexão, a reorganização do comum para além da racionalidade algorítmica. Nesse esforço, as tecnologias não são, necessariamente, vetores do distanciamento, da não presencialidade, da ausência do diálogo, mas isso depende da cosmotécnica em jogo.

Referências

- ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- AGUIAR, C. E. S. Antropoceno e o imaginário tecnológico contemporâneo. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**, v. 10, n. 23, p. e022006, 2022.
- ALI, S. M. A brief introduction to decolonial computing. **XRDS: Crossroads, The ACM Magazine for Students**, v. 22, n. 4, p. 16–21, 2016.
- BRUNO, F. Objetos técnicos sem pudor: gambiarra e tecnicidade. **Revista Eco-Pós**, v. 20, n. 1, p. 136–149, 2017.
- BRUNO, F. Racionalidade algorítmica e subjetividade maquínica. In: SANTAELLA, L. (org.). **Simbioses do Humano & Tecnologias**: Impasses, Dilemas e Desafios. São Paulo: Edusp, 2022.
- CASTRO, E. V. de; DANOWSKI, D. L'arrêt de monde. In: HACHE, É. (org.). **De l'univers clos au monde infini**. Bellevaux: Éd. Dehors, 2014. p. 221–339.
- COULDRY, N.; MEJIAS, U. A. **The costs of connection**: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism. Stanford, California: Stanford University Press, 2019.
- CRUZ, C. C. Decolonizing Philosophy of Technology: Learning from Bottom-Up and Top-Down Approaches to Decolonial Technical Design. **Philosophy & Technology**, v. 34, n. 4, p. 1847–1881, dez. 2021.
- DORFMAN, A.; MATTELART, A. **Para Ler O Pato Donald**: Comunicação de massa e colonialismo. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1980.
- DUSSEL, E. **Hacia una filosofía política crítica**. Bilbao: Desclée de Brouwer Bilbao, 2001.
- GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115–147, 2008.
- HARAWAY, D. J. **Simians, cyborgs, and women**: the reinvention of nature. London: Free association books, 1991.
- HEIDEGGER, M. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, M. **Caminhos de Floresta**. Lisboa: Serviço de Educação e Bolsas, Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- HEIDEGGER, M. **Meditação**. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.
- HEIDEGGER, M. **Pensées directrices**. Sur la genèse de la métaphysique, de la science et de la technique moderne. Paris: Seuil, 2019.

- HUI, Y. On Cosmotronics: For a Renewed Relation between Technology and Nature in the Anthropocene. **Techné: Research in Philosophy and Technology**, v. 21, n. 2, p. 319–341, 2017.
- HUI, Y. **Tecnodiversidade**. Sao Paula: Ubu Editora, 2020.
- HUI, Y. **The question concerning technology in China: an essay in cosmotechnics**. Falmouth: Urbanomic, 2018.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. **A queda do céu**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- LATOURE, B. **Onde aterrar?: Como se orientar politicamente no Antropoceno: Volume 1**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.
- LEMONS, A. Dataficação da vida. **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 21, n. 2, p. 193–202, 24 ago. 2021.
- LEROI-GOURHAN, A. **Milieu et Techniques**. Paris: Albin Michel, 1945.
- MALDONADO-TORRES, N. El pensamiento filosófico del “giro descolonizador”. In: BOHORQUEZ, C. L.; DUSSEL, E.; MENDIETA, E. (orgs.). **El pensamiento filosófico latinoamericano, del Caribe y latino (1300-2000): historia, corrientes, temas y filósofos**. México: Siglo XXI, 2011.
- MARCONDES FILHO, ciro. **O Rosto e a Máquina**. O Fenômeno da Comunicação Visto Pelos Ângulos Humano, Medial e Tecnológico - Volume 2. São Paulo: Paulus, 2013.
- MBEMBE, A. **Brutalisme**. Paris: La Découverte, 2020.
- MESSIAS, J. GAMBIARRA, COGNIÇÃO E TÉCNICA: apontamentos para uma investigação decolonial sobre conhecer e comunicar. **Anais XXIX COMPÓS**, UFMS/CAMPO GRANDE, 2020.
- MIGNOLO, W. D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 32, n. 94, p. 01, 2017.
- MIGNOLO, W. D. **Historias locales/diseños globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo**. Madrid: Ediciones Akal, 2003.
- MOHAMED, S.; PNG, M.-T.; ISAAC, W. Decolonial AI: Decolonial Theory as Sociotechnical Foresight in Artificial Intelligence. **Philosophy & Technology**, v. 33, n. 4, p. 659–684, 2020.
- MURPHY, J. W.; LARGACHA-MARTÍNEZ, C. Decolonization of AI: a Crucial Blind Spot. **Philosophy & Technology**, v. 35, n. 4, p. 102, 2022.
- PETERS, J. D. **The marvelous clouds: toward a philosophy of elemental media**. Chicago ; London: the University of Chicago Press, 2015.
- QUIJANO, A. Colonialidad y modernidad/racionalidad. **Perú indígena**, v. 13, n. 29, p. 11–20, 1992. .
- RINCÓN, O. Mutações bastardas da comunicação. **MATRIZES**, v. 12, n. 1, p. 65, 3 maio 2018.
- SANTAELLA, L. **Neo-Humano - A Sétima Revolução Cognitiva do Sapiens**. São Paulo: Paulus, 2022.
- SILVA, D.; AGUIAR, C. Os paradoxos da Comunicação ante o Antropoceno. **Revista ECO-Pós**, v. 23, n. 2, p. 12–32, 2020.
- SILVEIRA, S. A. da. Inteligência artificial baseada em dados e as operações do capital. **PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM**, v. 5, n. 10, 2021.
- SODRÉ, M. **A ciência do comum: Notas para o método comunicacional**. Petrópolis: Vozes, 2014.
- STENGERS, I. **Au temps des catastrophes : résister à la barbarie qui vient**. Paris: la Découverte, 2009.
- TORRICO, E. **Comunicación (re)humanizadora: Ruta decolonial**. Quito: Ediciones Ciespal, 2022.
- TORRICO, E. La comunicación decolonial, perspectiva in/surgente. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**, v. 15, n. 28, 2018.
- TORRICO, E. Para uma Comunicação ex-cêntrica. **MATRIZES**, v. 13, n. 3, p. 89–107, 2019.
- VERGÈS, F. **Un féminisme décolonial**. Paris: La Fabrique éditions, 2019.
- WEBER, M. **Sociologie de la religion: économie et société**. Paris: Flammarion, 2006.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2021.